

OBRAS DA PRIMEIRA FASE DO MODERNISMO BRASILEIRO

- MANIFESTO DA POESIA PAU-BRASIL
~ 1924, OSWALD DE ANDRADE. ↳ POEMAS
- MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR
~ 1924, OSWALD DE ANDRADE.
- RACA
↳ 1925, GUILHERME DE ALMEIDA
- O ESTRANGEIRO
↳ PLÍNIO SALGADO, 1926
- TODA A AMÉRICA
↳ 1926, RONALD DE CARVALHO

· AMAR, VERBO INTRANSITIVO FRÄULEN
→ 1927, MÁRIO DE ANDRADE.

* MACUNAÍMA *

↳ 1928, MÁRIO DE ANDRADE

· MARTIM CERERÊ ↳ POEMA

↳ 1928, CASSIANO RICARDO

· LIBERTINAGEM

↳ 1930, MANUEL BANDEIRA.

↳ ROMÂNICO.

OBRAS DA 1ª GERAÇÃO MODERNISTA

Macunaíma, Mario de Andrade

RESUMO DA OBRA MACUNAÍMA

Macunaíma nasceu em uma tribo indígena amazônica às margens do mítico Rio Uraricoera. Tinha particularidades que o caracterizavam e o diferenciavam das demais pessoas como, por exemplo, suas muitas travessuras e uma exacerbada preguiça. Uma de suas falas mais emblemáticas é “Ai, que preguiça!”. Outro ponto bastante destacado na obra é a sexualidade precoce do protagonista; desde muito cedo teve relações sexuais, chegando, inclusive a se envolver sexualmente com Sofará, esposa de seu irmão Jiguê.

Após o falecimento da mãe, Macunaíma decidiu ir embora para a cidade com seus irmãos Maanape e Jiguê. Eis que,

no percurso, conhece a índia Ci (chamada de “Mãe do Mato”), por quem acaba se apaixonando e que vem a se tornar seu único amor. Com a ajuda de Maanape e Jiguê, Macunaíma consegue dominar Ci e, assim, “brinca” com a índia. (o verbo “brincar” é utilizado na obra com o sentido de “ter relações sexuais”.)

Do envolvimento sexual nasce um filho que posteriormente vem a óbito. No dia seguinte ao falecimento, no local onde antes estava o corpo do bebê, havia nascido uma planta: um pé de guaraná.

Desgostosa com o falecimento do filho, a índia Ci acaba por subir aos céus e virar uma estrela. Antes de partir, no entanto, deixa a Macunaíma um amuleto: a pedra muiiraquitã. Na continuidade da trama, Macunaíma trava uma batalha com a cobra gigante Capei e, como consequência disso, acaba por perder o tão estimado amuleto.

INTENSIVO 23

Ao tomar conhecimento de que a muiraquitã estava em São Paulo sob a posse de Venceslau Pietro Pietra (o gigante Piaimã, conhecido como "comedor de gente") , Macunaíma parte para a cidade, com o objetivo de reaver o seu amuleto. Assim, juntamente com seus irmãos, segue em uma expedição rumo à recuperação do muiraquitã.

Durante o percurso, os irmãos atravessam um lago mágico. Quando banhou seu corpo nas águas do lago, Macunaíma, que assim como seus irmãos tinha a pele negra, notou que tinha ficado branco e loiro. Em seguida, foi a vez de Maanape. Ao passar pelas águas já turvas em consequência à passagem de Macunaíma, ele percebeu que seu corpo havia ficado com um tom avermelhado. Por fim, foi a vez de Jiguê que, ao passar, já se deparou com as águas secando e, por isso, apenas conseguiu molhar as palmas das mãos e as solas dos pés. Essa passagem da obra, destaca três etnias existentes no Brasil: branco, índio e negro.

Ao chegar a São Paulo, Macunaíma se deparou com uma realidade bem diferente daquela à qual estava acostumado; prédios, automóveis, etc., tudo era novidade. Durante algum tempo, refletiu sobre a relação entre os homens e as máquinas, que concluiu se tratarem de deuses criados pelos próprios humanos.

Após concluir suas reflexões, voltou a focar na recuperação de seu amuleto e dirigiu-se ao Pacaembu para ir ao encontro de Venceslau Pietro Pietra. Foi, então, recebido com uma flechada e teve seu corpo carregado para ser cozidos aos pedacinhos.

Eis que Maanape consegue invadir a casa de Piaimã, recolhe os pedacinhos do corpo de seu irmão, e com um sopro de fumo sobre eles, trouxe-o de volta à vida.

Macunaíma não parou por aí; se disfarçou de francesa e tentou seduzir o gigante para assim, recuperar a pedra. Ao perceber que Piaimã apenas iria entregar o amuleto à "francesa" se ela "brincasse" com ele, Macunaíma foge em

INTENSIVO 23

disparada e, com isso, percorre todo o território brasileiro. Nessas andanças, vivenciou diferentes experiências: passou por um terreiro de macumba no Rio de Janeiro; conheceu Vei (a Sol), que quis que ele se casasse com uma de suas três filhas; aprendeu as (línguas locais - o português escrito e o brasileiro falado); foi perseguido por Ceiuci, esposa de Piaimã, sob a forma de pássaro; dentre outras tantas.

O desfecho da busca pelo muiiraquitã deu-se na própria casa de Piaimã; Macunaíma conseguiu recuperar o amuleto após convencer o gigante a se balançar em um local que, na verdade, era uma máquina de tortura.

No fim da vida, Macunaíma foi contaminado com a malária e passou boa parte do seu tempo deitado em uma rede e na companhia de um papagaio que ouvia suas histórias. Por fim, deixou de ter vontade de viver, subiu aos céus e se transformou na constelação Ursa Maior.

Macunaíma e o Modernismo

O modernismo brasileiro surgiu por influência de tendências culturais e artísticas da Europa, designadas de vanguardas europeias.

Teve seu início propriamente dito com a Semana de Arte Moderna, em 1922, quando surgiram várias novas ideias e modelos culturais, artísticos e literários.

Macunaíma é uma obra que apresenta várias características modernistas. Entre elas, destacam-se:

Uso de linguagem nacional e coloquial.

Criação de uma identidade brasileira.

Fuga às métricas do Parnasianismo; uso livre de versos.

Implantação de um novo modelo de arte.

Abordagem irreverente.



INTENSIVO 23

Curiosidades sobre Macunaíma

Mário de Andrade disse que escreveu Macunaíma em 6 dias, deitado na rede de uma chácara em Araraquara, São Paulo.

Nos dicionários, “macunaíma” significa 1. entidade mitológica ameríndia criadora de de todas as coisas; 2. indivíduo preguiçoso e que tenta enganar os outros.

Em 1969, foi lançado um filme de nome Macunaíma, baseado na obra de Mário de Andrade. Trata-se de uma comédia escrita e dirigida pelo cineasta brasileiro Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988).